

Carlos Machado (Arquiteto, FAUP)

Nasceu no Porto em 1956. Estudou arquitetura no Porto onde foi aluno de Fernando Távora e Álvaro Siza. Diplomado em arquitetura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1987. Iniciou a docência na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em 1988. Doutorada pela Universidade do Porto em 2006 com uma tese sobre a arquitetura portuguesa contemporânea. Exerce a prática de projeto de arquitetura desde 1983. Trabalhou no escritório de Eduardo Souto de Moura em 1990 e 1991. Publicou diversos artigos em revistas, catálogos e monografias nacionais e internacionais. Participou em Congressos e Encontros sobre arquitetura. Foi um dos organizadores do Ciclo de conferências "Discursos de Arquitectura" que teve lugar no Porto em 1990. É professor de História da Arquitectura Contemporânea e Teoria da Arquitectura Contemporânea (Mestrado Integrado e Programa de Doutoramento em Arquitectura) na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Vincenzo Riso

Nascido em 1964 Lucca (Itália). Em 1994 licenciou-se pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Florença (I) e aqui, em 2006, doutorou-se com a tese "Technology and place in the experience of modern architecture". Professor auxiliar desde 2006 e depois desde 2011 professor associado na Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, onde, de 2012 a 2015 exerceu ainda o cargo de Presidente. Nesta temporada deu seguimento ao crescimento e à consolidação e ao reconhecimento de uma das mais novas UOEI da Universidade do Minho. Em paralelo ao ensino tem vindo a desenvolver uma atividade de investigação baseada no princípio inspirador da 'renovação', entendido como manifestação da multiplicidade e da temporalidade os processos de construção em qualquer escala de intervenção, do edifício até ao território extenso. Nestes âmbitos tem orientado numerosas teses de mestrado e de doutoramento. Foi membro da equipa (e responsável pela UM) do projeto de investigação "EWV_Visões cruzadas dos mundos: arquitetura moderna na África Lusófona (1943-1974) vista através da experiência Brasileira iniciada a partir dos anos 30" e também integrou como consultor projetos europeus de I&D. Tem publicado vários ensaios em livros e revistas internacionais e em 2008 foi premiado no Bruno Zevi Prize for a critical essay about Modern Architecture.

Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva

A Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva (FIMS) é uma Instituição vocacionada para a preservação, tratamento, estudo e divulgação de registos e arquivos de arquitetura. Foi instituída pela Universidade do Porto, a partir do legado dos arquitetos Maria José Marques da Silva e David Moreira da Silva, filha e genro de José Marques da Silva. Em 2011, acolheu o acervo do Arquitecto Fernando Távora, tendo vindo, desde então a ampliar o legado original. Entre outros, citem-se os acervos de José Carlos Loureiro, Alcino Soutinho, João Queiroz, Manuel Teles, Alfredo Matos Ferreira, Octávio Lixa Filgueiras ou José Porto.

A sua atividade desenvolve-se a partir da memória documental da atividade desenvolvida por estes arquitetos, um diversificado e rico conjunto de registos que representa um relevante e incontornável para o conhecimento da arquitetura desenvolvida no Norte do País de finais do século XIX até aos dias de hoje.

Contactos: Praça Marquês do Pombal, nº 30-33, 4000-390 Porto
Tlf: 22 5515587 | fims@reit.up.pt | <http://fims.up.pt>

VISITA GUIADA AO MERCADO MUNICIPAL DE SANTA MARIA DA FEIRA

Reclaiming the use of Fernando Távora's Municipal Market of Santa Maria da Feira #2

21 de abril de 2018 | 10h30-12h30



Fotografia de Fernando Aroso, [1961], © FIMS

CARLOS MACHADO

e

VINCENZO RISO

Organização:



Apoios:



Universidade do Minho
Escola de Arquitetura



santa maria da feira câmara municipal

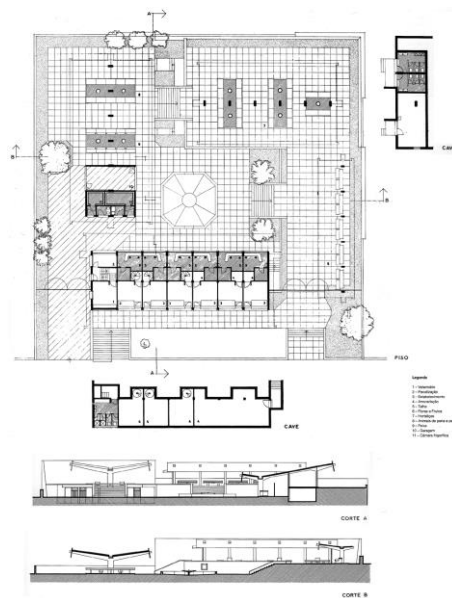
“O Mercado Municipal de Santa Maria da Feira foi edificado em 1959, com projeto da autoria do Arquiteto Fernando Távora, e a participação do Arquiteto Álvaro Siza que concebeu os mosaicos que decoram o edifício.

A forma como a organização do espaço, com as diversas bancas e lojas, se organiza em torno de um largo com fonte, ao mesmo tempo que cria uma frente urbana de lojas voltadas à rua, confere ao edifício um equilíbrio que explora e permite a valorização do local.

A classificação do Mercado Municipal de Santa Maria da Feira reflete os critérios constantes do artigo 17.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, relativos ao génio do respetivo criador, ao valor estético e técnico do bem, à conceção arquitetónica e urbanística.

A zona especial de proteção (ZEP) tem em consideração a malha urbana que envolve o monumento. A sua fixação visa manter a relação visual do edifício com o Castelo da Feira (classificado como MN) e com a Igreja e Convento dos Loios (classificadas como MIP), referências marcantes para o centro urbanístico de Santa Maria da Feira. (...)

É classificado como monumento de interesse público o Mercado Municipal de Santa Maria da Feira, na Rua dos Descobrimentos, Santa Maria da Feira, freguesia da Feira, concelho de Santa Maria da Feira, distrito de Aveiro, conforme planta de delimitação constante do anexo à presente portaria e que desta faz parte integrante.”



Mercado Municipal de Santa Maria da Feira: Planta e cortes ©FIMS

VISITA GUIADA AO MERCADO MUNICIPAL DE SANTA MARIA DA FEIRA

Reclaiming the use of Fernando Távora's Municipal Market of Santa Maria da Feira #2

“Os edifícios e os espaços têm de estar bem implantados, estar bem dispostos no lugar; essa qualidade de boa implantação confere-lhes um certo ar de eternidade.” (Fernando Távora)

“Corpos vários, com sentido protetor, distribuem-se formando pátio. Não apenas um lugar de troca de coisas, mas de troca de ideias, um convite para que os homens se reúnam. Uma linguagem austera, sob a proteção tutelar do Castelo. A propósito deste edifício Aldo Van Eyck, no Congresso de Otterlo, sugeriu que a noção corrente de espaço e tempo deveria ser substituída pelo conceito mais vital de lugar e ocasião.” (Fernando Távora, 1980)

“O partido formal baseia-se no conjunto de coberturas, desenhadas como asas protectoras pairando sobre o terreno que é ordenado em plataformas: a cobertura de "borboleta" e adaptada a uma estrutura modulada em pequenos pavilhões e a agregação dos elementos é feita em volta de uma fonte. O aproveitamento da morfologia do terreno, a inserção no contexto, definindo a frente de carácter urbano elevada sob plataforma em terraço fronteiro à rua abrigando correnteza de lojas, reflectem a ideia de criar um "lugar" em diálogo com o sítio e o castelo: "lá em cima e sempre presente". Se a construção parece remeter para os padrões do movimento moderno, a concepção global, organizada significativamente em torno de uma fonte que dá sentido ao pátio, representa uma evidente libertação dos princípios ortodoxos dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna), propondo a noção de espaço aberto de acolhimento.”

(Ana Tostões, *Arquitectura Moderna Portuguesa*, IPPAR, 2001)



© Carlos Machado

O mercado da Feira é a obra “mais tensa e por isso com mais significado da nossa arquitectura moderna em transição para o racionalismo crítico. Tensão que vem da dialéctica entre integração e ruptura, entre espaço interno (que é exterior e semiexterior) e sítio; entre percurso e pausa; entre tecnologia nova e construção comum; estando sempre estes termos – e outros – assumidos como opostos, mas resolvidos em formas simples. Obra que transcende o panorama português para se classificar entre as obras primas da arquitectura europeia dos anos 50” (Nuno Portas, in “Prefácio à edição de 1982” do livro de Fernando Távora, *Da Organização do Espaço*)